ESCOLA DE DANÇA INCLUSIVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA .... I .....ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO..... I .....SEMESTRE 2007_02
ACADÊMICA JULIANA BEULKE STRINGARI..... I ....ORIENTADORA MARTA DISCHINGER

INTRODUÇÃO

A dança tem feito parte da humanidade desde seus primórdios, em suas diferentes formas. Desde os mais diversos rituais até o puro e simples lazer, ela vem sendo uma das mais importantes formas de expressão corporal e difusão cultural no contexto da sociedade.

Não há quem não tenha tido com ela nenhum contato. E não é preciso ter a prática constante para isso, muito menos aperfeiçoamento profissional. Seja como praticante, seja como expectador, a dança traz novos olhares e deixa marcas no tempo. Através de um espetáculo assistido, como profissão, como forma de preservar uma cultura ou como simples descontração, essa manifestação corporal ajuda no crescimento e na transformação das pessoas.

Tendo a dança características tão fortes, não é justo que todos tenham o direito e o acesso a ela? Existem ainda muitas barreiras para que a dança seja de livre acesso a todo o tipo de pessoas, independente de cor, sexo, renda ou habilidades.

Ao tratarmos da questão de pessoas com algum tipo de restrição, podemos nos perguntar: é possível um surdo, um cego, uma pessoa sem controle completo de seu corpo dançar?

O preconceito que envolve a nossa sociedade ainda faz com que isso soe estranho a muitas pessoas. Mas hoje podemos ver no Brasil e no mundo, exemplos de determinação que venceram as barreiras do preconceito e da falta de oportunidade, criando um novo olhar sobre o que chamamos de deficiência.

Uma pessoa com deficiência não precisa e nem deve ser tratada de forma especial. O que estas pessoas precisam é de oportunidade e acesso para agir como o que elas realmente são: pessoas normais, como qualquer outra, com qualidades e defeitos.

A DANÇA NAS SUAS MAIS DIVERSAS FORMAS

Ao longo dos últimos anos, vêm surgindo a preocupação em incluir as pessoas com deficiência de qualquer natureza em atividades do cotidiano.

É certo que ainda enfrenta-se muita resistência devido ao preconceito e à imagem de que pessoas com algum tipo de deficiência são incapazes de desenvolver atividades das mais diversas áreas. Por outro lado existe a falta de investimento na capacitação de profissionais para lidar com as diferenças, a distância que existe entre a preocupação com o problema na teoria e sua solução na prática visível na falta de adaptação da cidade e dos equipamentos para que possibilitem o acesso e uso de todos, independendo de habilidades, estatura ou idade.

Outro fator muito importante de ser considerado é que, muitas vezes, na tentativa de resolver o problema, criam-se espaços para uso ou instituições de apoio a pessoas com deficiências específicas. Certamente um instituto para cegos, uma escola para surdos, ou uma associação de apoio a deficientes físicos ou mentais é de grande valia no auxílio do desenvolvimento destas pessoas. Mas mais valioso que isso, é poder colocar todas estas pessoas em contato direto, ouvintes e não ouvintes, cegos ou não, pessoas com mobilidade total ou comprometida, deficientes mentais ou pessoas sem nenhum problema de compreensão. Só assim podemos ter aquilo que chamamos de inclusão. Por isso minha proposta é trabalhar com todos os tipos de pessoas, valorizando as trocas e aprendizado que elas podem receber e doar umas às outras.

Talvez esta pareça, a princípio, uma proposta complexa: como trabalhar com dança, que envolve música e movimento, com pessoas que não ouvem os sons, não enxergam as coreografias e não têm domínio sobre todas as partes de seu corpo? Mas no Brasil e no mundo, cada vez mais encontramos exemplos de pessoas que aceitaram o desafio e vêm desenvolvendo técnicas para que as barreiras possam ser transpostas.

COMO DANÇAR?

Cada grupo de pessoas possui habilidades e dificuldades distintas, o que exige uma técnica diferenciada no ensino da dança.

As maiores dificuldades que um deficiente visual apresenta são na questão da orientação e da insegurança de circular em locais desconhecidos. O equilíbrio e a coordenação também são bastante comprometidos, especialmente em cegos de nascença. Por isso a importância de se trabalhar atividades corpóreas desde cedo.

Pela ausência de visão, a concentração torna-se mais fácil, o que é muito útil na dança. Pessoas com baixa visão ou que perderam a visão depois de algum tempo de vida têm mais facilidade em desenvolver alguns movimentos, pois possuem memória visual das ações. Já para muitos é necessário o toque e a condução do corpo para que entendam o movimento proposto. As delimitações do espaço são muito importantes, para que evitem colisões e eventuais ferimentos que venham a causar insegurança.

A dança é desenvolvida e compreendida pelos surdos de uma maneira bastante distinta dos ouvintes. Ao contrário da maioria das pessoas, que associam a dança prioritariamente à música, ao som, essa relação não tem nenhuma significância para os deficientes auditivos. Para eles, a dança está ligada muito mais intimamente ao movimento em si. Para relacionar o movimento a um ritmo, eles se valem da vibração causada pelo som. Por isso é muito importante que o ambiente propicie a percepção clara dessa vibração.

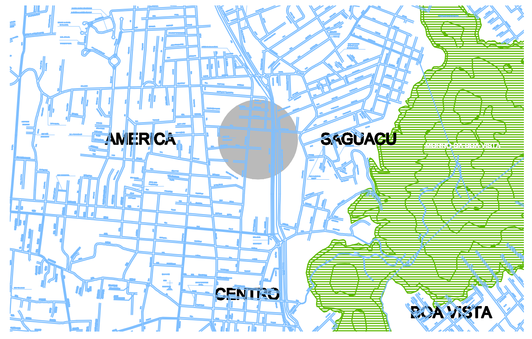
As pessoas com deficiência mental têm o progresso de seu desenvolvimento mais lento que o de outras pessoas, o que muitas vezes isola a pessoa do mundo tanto no que diz respeito a sua participação, quanto à compreensão dos fatos. prática da dança traz inúmeros benefícios ao desenvolvimento dessas pessoas, tendo como principais resultados a estabilidade emocional, a criatividade, o desenvolvimento de atividades motoras básicas, a melhoria nas relações sociais, o desenvolvimento congnitivo, a imagem corporal e a expressão.

Devido às dificuldades que esses deficientes mentais apresentam, existem técnicas utilizadas por profissionais que facilitam o aprendizado. Uma delas é a repetição de seqüências fixas. Devido ao comprometimento do sistema cognitivo, essas pessoas precisam de mais estímulo acerca dos conceitos a serem assimilados, e desta forma, as diversas repetições trazem segurança aos alunos.

O uso de imagens também facilita a compreensão dos movimentos. As pessoas com deficiência mental apresentam uma certa dificuldade em assimilar e representar o abstrato. Desta forma, associar os movimentos à situações práticas do dia-a-dia, ou mostrá-los através de imagens e vídeos torna o movimento mais simples de ser aprendido.

A compreensão do espaço é também muito importante, sendo interessante o aprofundamento dos diversos níveis espaciais (alto, médio, baixo).

No caso de pessoas com deficiência motora, a percepção da dança e a compreensão dos movimentos é muito mais simples, sendo a maior barreira a realização dos movimentos em si, por causa das restrições de mobilidade.

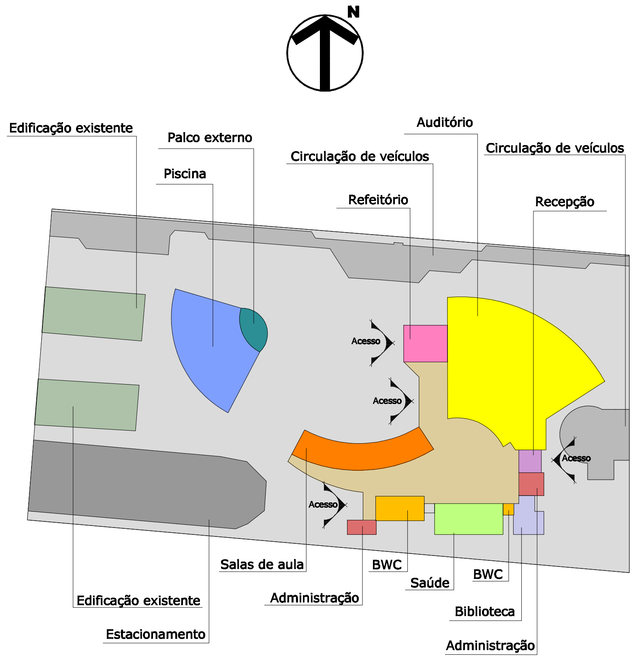


SITUAÇÃO GERAL
ESC 1:25000

A ESCOLHA DO SÍTIO

O presente projeto é proposto para a cidade de Joinville. Localizada ao norte do estado de Santa Catarina, é nacional e internacionalmente conhecida por seu Festival de Dança, considerado o maior do mundo. Apesar do título de "Cidade da Dança" , pouco encontra-se no que diz respeito a estabelecimentos voltados especificamente para o ensino e prática desta arte.
A cidade abriga a primeira e única sede da Escola do Teatro Bolshoi fora da Rússia, e apesar da proposta de oportunizar a prática da dança para a população de baixa renda, o foco da escola é a formação profissional e o ingresso dos alunos se dá unicamente mediante testes. Isso justifica a implantação de um novo complexo de dança, já que os focos são distintos.
A Escola de Dança Inclusiva não vem substituir, mas sim complementar a oferta do ensino da dança na cidade, proporcionando o acesso a todo o tipo de pessoa, independente de suas dificuldades e habilidades, focando não a formação profissional, mas sim a prática como lazer e desenvolvimento do ser humano.

O terreno escolhido para o desenvolvimento do projeto fica no bairro Saguaçu, na zona norte da cidade. Situado à Avenida José Viera, está contido em um eixo cívico-cultural da cidade, onde encontramos o Centreventos Cau Hansen, o Complexo Poliesportivo do SESC, o Museu do Sambaqui, o Fórum, a Casa da Cultura, o Arquivo Histórico, a Prefeitura Municipal de Joinville, o Bolshoi, o Teatro Juarez Machado, o Mercado Municipal, entre outros.
Além dos fatores de localização, a configuração do terreno pesou na escolha: por ser amplo e plano, favorece o projeto, que prima pela acessibilidade.



ZONEAMENTO
ESC 1:1000

"O DEFICIENTE NÃO PRECISA DE CARIDADE E SIM DE RESPEITO. QUANDO TERMINA UMA APRESENTAÇÃO HÁ SEMPRE 5 SEGUNDOS DE ANGÚSTIA E EMOÇÃO DA PLATÉIA PORQUE AS PESSOAS NÃO ACREDITAM NO QUE VEJAM. A DANÇA É DE DOMINIO DO MUNDO. CADA CORPO RESOLVE COMO QUER DANÇA" Rosângela Bernardi, professora de educação física, bailarina e fisioterapeuta

"A MINHA CADEIRA DE RODAS É MINHA ASA. ME SINTO VOANDO QUANDO DANÇO. A CADEIRA DE RODAS É TAMBÉM MINHA SAPATILHA. AINDA VAMOS FAZER MUITA GENTE CHORAR." Helena Fumeiro, 67 anos, integrante do grupo Arte e Vida sobre Rodas